



# Biograph



---

## NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA NA PRODUÇÃO DE SABERES: TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIAS E (TRANS) FORMAÇÕES NA FAVELA

**Fábia de Castro Lemos**  
**UNIGRANRIO**  
**fabiaclemos@bol.com.br**

**José Carlos Sebe Bom Meihy**  
**UNIGRANRIO**  
**jcarlosbm@hotmail.com**

### **Resumo**

Estudos recentes têm motivado aproximações entre a produção de conhecimento gerada por grupos que residem em espaços urbanos “vulneráveis” em relação a outras manifestações, externas àquelas comunidades. A busca de entendimento do significado das narrativas “locais” como elemento mediador entre “realidades” se formula como questão central desse estudo que pretende notar diálogos constituídos em diferenças. Parte-se da hipótese de que as experiências cotidianas vivenciadas em meios segregados e ditos subalternos geram fórmulas próprias tecidas na construção de cotidianos informais. A noção de saberes geridos localmente permite qualificar o *ethos* cultural desses grupos que, contudo, convivem e se constelam com soluções dominantes muitas vezes alheias aos fundamentos essenciais do segmento. As experiências geradas na vida local representam a base empírica desta pesquisa e assim os ditames da *história oral de vida* se apresentam como recurso útil ao entendimento da memória local e da força regional. Por reconhecer nessas manifestações criação e posicionamentos, refuta-se o suposto da imitação ou do rebaixamento da qualidade “marginal”. Da mesma maneira, coloca-se em discussão o conceito de resistência. O objeto da formulação dos argumentos analíticos se apóia em um conjunto de entrevistas feitas no espaço vulnerável da comunidade de Rocha Miranda e consiste, pois, em reconhecer os mecanismos que habilitam maneiras de produção de práticas e saberes locais que dão suporte ao convívio com mecanismos amplos, quase sempre regulados por lei e conhecimentos formalizados em lógicas que não levaram em conta os grupos “marginais”. Procedido o trabalho empírico, o referencial teórico aplicado levará em conta a análise dos discursos dos “colaboradores” permitindo perceber os valores fixos e os negociáveis, facilitando assim aproximações e diálogos. O modelo teórico que inspirou esta pesquisa deriva da prática de história oral assumida pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP) levando-se em conta a compreensão da produção do conhecimento local aliado às reflexões de trabalhos sobre o uso e expressão da memória.

## **Palavras-Chave:** História Oral – Saberes - Resistência

### **Introdução**

A análise da relação entre as narrativas e a produção de saberes tem repousado sob a ótica de nossas pesquisas, nas experiências e vivências dos indivíduos, que, através de suas trajetórias de resistências, formam e transformam não só os espaços da Favela, mas também consolidando motes que evidenciam estratégias de sobrevivência, instrumentalizando novas leituras do espaço.

Nessa ambiência, na qualidade de pesquisadora e moradora do espaço estudado, interessa-nos a análise mais acurada das formas de produção de conhecimento gerada por grupos sociais que ocupam o espaço urbano dito “vulnerável”, em se comparado a espaços externos à Favela, por meio da compreensão das narrativas locais, que se desvela como elemento mediador entre “realidades”, emergindo a questão nodal de nosso estudo voltado à percepção dos diálogos constituídos em diferenças.

O parâmetro que enceta nosso ponto de partida consiste na compreensão de que as experiências cotidianas, vivenciadas no meio segregado da Favela, geram fórmulas próprias tecidas na construção de cotidianos capturados sob a perspectiva da educação informal (GADOTTI, 2004,a).

Dessa forma, a noção de saberes geridos localmente permite qualificar o *ethos* cultural desses grupos, que encontram identidade em suas lutas cotidianas, constelando com soluções, muitas vezes, alheias aos fundamentos essenciais do segmento, as quais emergem dos enfrentamentos do cotidiano, fundamentando uma espécie de dialética de superação, que parte ora da racionalização nas decisões (re)produzindo saberes, e outrora buscando na essência das relações entre o sujeito e espaço, estratégias que (trans)formam e proporcionam instrumentos de resistência e sobrevivência (GEERTZ, 2015).

É certamente nesse entremeio que a produção do conhecimento nos espaços da Favela se revela um processo contínuo, dialético, histórico, progressivo e hodierno: a evolução social do grupo é produto de suas ideias, das relações que estabelecem com o espaço, as quais só podem ser capturadas e apreendidas epistemologicamente, a partir da compreensão da realidade vivida com o entendimento da realidade concebida pelo grupo (RODRIGUES, 1995).

As experiências, nesse sentido, emergem como elementos norteadores da produção do conhecimento; geradas na vida local, as narrativas que compõem o acervo de memória da

Favela representam a base empírica desta pesquisa e, assim, os ditames da *história oral de vida* se apresentam como recurso útil ao entendimento da memória local e da força regional, capaz de formar um arcabouço cultural identitário da Favela, fundado na diversidade, colimado nas expressões e manifestações locais (MEIHY, 2011).

Pelo reconhecimento do potencial, da criação e posicionamentos nessas manifestações, refuta-se o suposto da imitação ou do rebaixamento da qualidade “marginal”, colocando-se em discussão o conceito de resistência, baseado em argumentos analíticos que se apoiam em um conjunto de entrevistas feitas no espaço vulnerável da Favela de Rocha Miranda (Barreira de Rocha Miranda) e consiste, pois, em reconhecer os mecanismos que habilitam maneiras de produção de práticas e saberes locais que dão suporte ao convívio com mecanismos amplos, quase sempre regulados por lei e conhecimentos formalizados em lógicas que não levaram em conta os grupos “marginais”.

O modelo teórico que inspirou esta pesquisa deriva da prática de história oral assumida pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP), levando-se em conta a compreensão da produção do conhecimento local aliado às reflexões de trabalhos sobre o uso e expressão da memória, valorizando a práxis do grupo.

### **Delineando o espaço da Favela: A Barreira no olhar do morador**

A “Favela da Barreira é uma grande família”, essa é a frase mais recorrente nas narrativas do grupo, constituídos por colaboradores que residem há algumas décadas na Favela, situada no subúrbio, bairro de Rocha Miranda zona norte do Estado do Rio de Janeiro. Esse pensamento nos leva à compreensão clara da rede de solidariedade e afeto presentes no espaço da comunidade, que talvez se justifique pelo fato da favela ser formada na maioria por familiares que nasceram, cresceram, foram criados e criaram vínculos com o espaço, mantendo assim suas famílias na Barreira.

A identificação com as lutas do cotidiano firmam os laços de afeto, solidariedade e proteção; assim, o espaço da Favela é concebido como “uma grande família”, o que nos leva à compreensão do significado de família para o grupo, pautada na própria existência solidária, nas lutas diárias que desenham ora estratégias outrora resistências, no sentido da auto-preservação e da sobrevivência.

A Favela da Barreira foi aos poucos sendo ocupada, classificada pelos órgãos governamentais como a Defesa Civil, a Prefeitura do Estado, e pela legislação vigente, e

categorizada como ocupação irregular, “assentamento de baixa renda”<sup>1</sup>. Trata-se de um terreno plano, mantendo uma encosta na lateral esquerda do lado norte. O aspecto geográfico da Favela, certamente, contribuiu para concepção polarizada do espaço, reconhecendo-se “o Beco”, situado ao lado sul da Favela, e a Barreira, situada ao lado norte da Favela, daí ter recebido, no final da década de 40 e início de 50, o nome Barreira, em homenagem àquela que significava o maior problema na ocupação dos moradores à época, pois sempre que chovia, havia sérios deslizamentos, os quais vitimavam os moradores dos barracos construídos na base da encosta.

Com o passar dos anos, após algumas tentativas de remoção por parte do Poder Público, e a resistência dos moradores em se manter no local, ocupando-se e a seus familiares, que vinham de outras favelas do Rio de Janeiro, ou do interior de outros Estados em busca de seu próprio espaço na Favela, até então local inóspito, sem luz, água, ou saneamento, havendo apenas o chão de barro, tendo sido este o cenário que se apresentava aos recém chegados ocupantes como possibilidade de vida melhor na Cidade do Rio de Janeiro. Até hoje, alguns moradores que iniciaram a ocupação da favela mencionam que *“esse sempre foi à chance da vida melhorar, era pertinho das quitandas, e tinha trabalho que pagava, era perto, aqui era melhor de que na roça, mas olha não foi muito diferente de lá, não tinha nada no começo, era vizinho ajudando vizinho a levantar seu barraco, depois no barro, mas emprego era bom arrumar tava pertinho da central”*<sup>2</sup>.

A polarização mantém fortes marcas no espaço da Favela, porquanto nas manifestações, nas habitações, nas expressões culturais, o que nos chama a atenção é a segregação (re)produzida nesses espaços, compreendida e muito clara na narrativa de alguns moradores, que afirmam que quem mora no “Beco”, *“é quem é mais precisado, ta fora do perigo da chuva da barreira mas lá o perigo é muito outro”*. Observando o espaço, é nítido que as alvenarias com bom acabamento, e saneamento, encontram-se no lado que os moradores denominam “barreira” embora seja possível encontrarmos algumas mais simples, as moradias que guarnecem muitas famílias, com precárias condições de higiene e saneamento ainda estão fincadas na parte baixa, chamada pelos moradores de “Beco”.

A iniciativa das autoridades Municipal e Estadual em promover ações mais robustas que levassem e possibilitassem o acesso a serviços públicos essenciais como água e esgoto, na

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html> Acessado em 02.01.2016

<sup>2</sup> Relato do morador com 86 anos, um dos primeiros a ocuparem a favela. O que mais ressalta em seu relato é a ajuda que teve em construir sua casa de alvenaria com barro, que antes fora construída com ripas de madeira e folha de zinco. Isso demonstra orgulho por ter sido um dos primeiros moradores, trazendo à tona o sentimento de ser o fundador do espaço.

década de 80 e 90, evidenciando-se como uma vitória ao ato de resistência em manter-se no espaço, a Favela passa a ser reconhecida como espaço de ocupação e catalogada como assentamento de baixa renda. Essa, sem dúvida, foi umas das ações governamentais que mais dialogaram com a realidade dos moradores.

A chegada de serviços essenciais e asfaltamento simbolizou um reconhecimento de cidadania para alguns moradores, no exercício aos órgãos estatais da efetiva ponderação de direitos, prestigiando as garantias fundamentais como habitação e o próprio interesse público na urbanização do espaço então concebido como assentamento de baixa renda, fincada num bairro até então relativamente urbanizado<sup>3</sup>.

Assim, antes da chegada dos serviços essenciais, a Favela era organizada por seus ocupantes, com apoio em soluções improvisadas, tal como se deu com o abastecimento de água, puxada da rua principal, inicialmente um ponto que abastecia toda a favela e depois pontos puxados pelos próprios moradores para seus barracos com mangueiras, sem encanamento, construção de pequena ponte de madeira improvisada, ligando um ponto a outro da Favela, entre outras estratégias as quais viabilizaram a apropriação e utilização da Favela.

A organização do espaço partiu do coletivo, dentro das possibilidades de cada qual, muito mais orquestrada por soluções criativas, que mantinham nos rejeitos de lixo, por exemplo, fonte de possibilidades, provocada pela impossibilidade financeira em resolver problemas locais, uma práxis que nos remete a construção dos refugos (BAUMAN, 2006).

Se todo projeto tem seu refugio, a Favela certamente é o refugio do projeto urbano que idealiza a cidade, e que se (re) produz estrategicamente por seus próprios rejeitos, o que nos conduz a uma compreensão das possibilidades de produções desse “*refugio humano*” (BAUMAN, 2006, p. 21).

Ao longo dos anos, e de forma bem modesta, o Poder Público foi convocado a trazer serviços para a comunidade, e foi assim que, entre o fim da década de 70 e início de 80, é que o asfalto finalmente chega à parte da Favela, junto com ações de saneamento, o que não resolveu a presença das questões de higienização, enfrentadas por alguns moradores, que desprovidos de recursos, não conseguiram construir suas redes de esgotos.

As “redes de esgoto possíveis e improvisadas” eram mantidas a céu aberto, contando com uso de saneantes domissanitários, como cloro, detergente, desinfetante, outras que se apresentam como simulacros de sumidouros que escoam abaixo das construções, gerando

---

<sup>3</sup> A Favela da barreira fincada no Bairro de Rocha Miranda, o bairro já passava por processo de urbanização e mantinha construções regulares.

distorções que perduram até os dias atuais na urbanização dos espaços, sendo este, de acordo com nosso olhar um limite a rede de solidariedade, que encontra, *no cotejo das táticas cotidianas a arte ordinária da vida*, na história do que foi e do que é a Barreira, um ponto de convergência e divergência, na ambivalência o paradoxo da existência<sup>4</sup> (CERTEAU, 2014, p. 85).

O crescimento da população da Favela encontra no fim da década de 90 um marco para o espaço, visto que significou a necessidade de novas estratégias as quais pudessem dar conta da ocupação do espaço e ao mesmo tempo garantir a manutenção, sustentabilidade e higiene do espaço, assim, considerando a ambivalência geo-identitária do espaço, algumas questões ambientais ficaram a cargo do planejamento pedagógico de alguns moradores, que visando à educação ambiental da localidade, considerando os desideratos cotejados na relação entre o morador e a favela, criaram uma organização não governamental com seus próprios recursos.

A iniciativa promovida por alguns moradores, reunidos inicialmente sob a forma de associação de moradores reformulada no início da década de 90, ocasião em que se torna estatutariamente Núcleo Ecológico das Pedras Preciosas (NEPP). A instituição, idealizada por um dos moradores, que durante décadas vem empreendendo esforços no sentido de mobilizar a favela e provocar a presença do Poder Público para ações diversas voltadas para urbanização e higienização dos espaços, funciona até os dias atuais mantendo sua sede na própria Favela.

A trajetória de (trans) formação do espaço da Favela, conta com a mobilização dos moradores, e suas estratégias de mobilizações coletiva e individual, na criatividade para a solução dos impasses locais, o que fomenta formas de instrumentalização de saberes e práticas, repassadas aos atuais moradores os quais alguns muitos se identificam com a trajetória da comunidade e do grupo, enquanto outros que não guardam vínculo com a Favela, negam o próprio espaço, e qualquer tipo de interação, mantendo uma visão da favela como único espaço possível para uma vida melhor futura em outro local.

Os diálogos demonstram que na ausência de recursos, os moradores se reinventam; a prática e o conhecimento no manejo de plantas medicinais, encontraram utilidade na Favela, tendo nos moradores seus maiores promotores e beneficiários. O horto de plantas medicinais, iniciativa do NEPP, possibilita a utilização de ervas utilizadas para tratamentos diversos,

---

<sup>4</sup> No ano de 2015, ruas do entorno da Favela foram contempladas com calçamento e recapeamento das ruas, no Projeto denominado “Bairro Maravilha” abrangendo ruas dos bairros de Rocha Miranda e Honório Gurgel, o que por consequência promoveu cortes de fornecimento de água em alguns pontos da Favela, considerados pelos operadores da obra como ligações clandestinas.

como verminoses (erva de santa Maria, artemísia), assepsias de feridas (Aroeira), piolhos (Arruda), traumatismos (Arnica), desinflamação de testículos<sup>5</sup> (Angelico), Cicatrização (Babosa), Diabetes (folha de Carambola), entre outras, consolidando uma prática de manipulação que conta como fonte de produção o ensino mediado pela transmissão oral.

A ação do horto também demonstra utilização, tanto para as Benzedeiros do local quanto para os templos religiosos de matriz africana da região, com aproveitamento total de folhas, flores, raízes e rizomas, todos voltados às ações de preservação e cuidados com a saúde, inclusive quando percebemos a utilização da plantação na alimentação e chás do próprio grupo, saberes que criam novos acessos a saúde, gerando transformações consideráveis na Favela, (re) significando a existência dos sujeitos e sua relação com o espaço.

As narrativas alinhavadas no presente trabalho demonstram que a concepção da Favela da Barreira como espaço, para alguns se consolida na idéia de família, de grupo social que mantém eleitos como estratégia de sobrevivência sua rede de afetividade, mobilizada pelas lutas cotidianas, mantendo aí a identidade do espaço, fundamentada na diversidade das experiências, das vivências e dos sentidos de pertencimento, substrato fundamental do arcabouço de conhecimento produzido.

No entanto, não se pode refutar a percepção por alguns outros moradores da Favela como o espaço do *não lugar*, um espaço de negação que conduz ao não pertencimento, o que pode ser compreendido pela ausência de percepção quanto à identidade desses moradores com o próprio espaço, fundado no paradoxo que emerge uma configuração da moradia como um ponto transitório desconectado da própria existência dos sujeitos, um não lugar (AUGE, 1994).

## **A Produção Humana na Diversidade**

São nesses espaços de contradição, que encontramos no consenso dos afetos uma possibilidade de convocação e mobilização do grupo. Uma das ações que nos chama a atenção é o “*café comunitário*”, promovido pelo NEPP, onde qualquer transeunte ou morador da Favela da Barreira, que passe pela rua no horário entre 07:00 a 08:30 da manhã, pode receber café gratuitamente. Essa ação que vem possibilitando a formação de comunicação no espaço, bem como a interação social dos moradores e frequentadores da Favela. Essa prática do

---

<sup>5</sup> Patologia muito comum provocado por Doenças Sexualmente Transmissível propiciado pela falta de higiene e saneamento em algumas partes da Favela

cafezinho é utilizada pelos usuários com responsabilidade e sustentabilidade, reunindo pessoas do “beco” e da “barreira”, daqueles moradores que contam com recursos e outros desprovidos de qualquer recurso, é o momento de produção social no espaço.

O *café comunitário*, mantido por doação de alguns moradores, pode ser compreendido também como estratégia ambivalente, de cunho social e afetivo, considerando que o próprio espaço, para alguns, é a única oportunidade de consumir o café no dia, para outros um momento de conversa fortuitas, sem envolvimento; no fim, a ação guarda signos de construção de rede de afetos, de interação social dos moradores, exposição de problemas do local, e criação de soluções a partir das experiências. Essa simples ação comunitária é impregnada de signos, como alude Maturana (2014), uma vez que sua dinâmica preserva as contradições dos sentidos, buscando a compreensão do vivido, no exercício dialético da ontologia do conversar.

“Reconhecer que o humano se realiza no entrelaçamento do linguajar e do emocionar que surge com a linguagem nos entrega a possibilidade de reintegrarmos essas duas dimensões com uma compreensão mais global dos processos que nos constituem em nosso ser cotidiano, assim como a possibilidade de respeitar esses dois aspectos de nosso ser em sua legitimidade.” (MATURANA, 2014, p. 216).

O lixo também surge como elemento de produção do conhecimento ambivalente, na narrativa de alguns moradores que coletam o lixo na própria Favela, *“tem muita coisa que tá boazinha e eu aproveito em casa, noutra dia encontrei uma espátua (espátula), daquela de pedreiro, tentei tapar o buraco na parede de casa que o rato fez na última chuva e consegui, já achei muita coisa aí na porta dando sopa, o sofá que tenho em casa ganhei do lixo”*, o que nos leva a compreender noções de desperdícios por vezes excesso de consumo mesmo na Favela, pelo olhar do catador.

No entanto, se analisarmos o olhar dos demais moradores que não estão envolvidos na reciclagem ou coleta do lixo, percebemos que manifestam alguma insatisfação em ver o seu lixo sendo “revirado”, deixando de analisar a necessidade e a utilidade daqueles que colaboram com a coleta de materiais que são recebidos por eco pontos de reciclagem e resíduos, por empresas situadas no entorno da Favela, ou vendidos aos ferros velhos do local, evidenciando-se que a necessidade produz estratégias as quais alinham a produção de conhecimento a partir da percepção das possibilidades do próprio sujeito com o que a Favela



oferece, favorecendo a criação e (trans)formação do cotidiano, da vida e do espaço através das relações alinhavadas.

### **O espaço em que habito: a existência como princípio educativo**

Se a Favela é estigmatizada pelos ambientes externos, da cidade dita “asfalto”, o “morro” estigmatiza o morro, então, nesse caso, a Favela estigmatiza a Favela numa contradição interna que se dá à medida que alguns moradores (re)produzem o estigma, segregando o próprio espaço, subalternizando os menos abastados, estigmatizando-os: o oprimido torna-se o opressor dos seus numa simbiose distorcida.

“O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada uma.” (SANTOS, 2012, p. 317).

É possível perceber uma série de formações de núcleos existenciais se concebermos a visão dos micro-núcleos de formação, seja com relação ao espaço onde habitam entre o “beco” e a “barreira”, seja pela condição em que habitam “em casas com esgoto a céu aberto” ou “com saneamento”, seja ainda pela própria condição humana, isto é, como habitam o espaço da Favela: se são catadores, profissionais do sexo, apontadores de jogo de bicho, pagodeiros, sambistas, funkeiros, grafiteiros, ou sujeitos cujas ocupações ainda passam por estigmas de boa parte dos moradores, na maioria mais antigos.

As narrativas evidenciam a idealização de ver a Barreira se tornar um “espaço fisicamente e moralmente familiar” demonstrando que, embora haja uma conexão relevante na produção humana da Favela, onde uns fazem parte do campo prático dos outros, os interesses e formas de apropriação demonstram-se divergentes, gerando micro células identitárias produzidas num único cenário da Favela, o que confere matizes expressivas as quais fundamentam a diversidade e ambivalência do espaço.

Dessa forma, a Favela se desvela por sua força viva como alude João do Rio (2007, p. 26) “*a rua é o fato da vida das cidades, a rua tem alma (...) sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas*, pela benesse do *Flâneur*, mantendo, no entanto, esferas internas beligerantes, fundadas em lutas e contradições, delineando a inserção de micro células em disputa no interior do macro espaço compreendida pela Favela em si mesma, contribuindo assim para múltiplas construções identitárias (FOUCAULT, 1996).

As narrativas evidenciam que a organização do espaço da Favela se deu exclusivamente pelas necessidades que se descortinavam no cotidiano e pelas dificuldades encontradas pelos moradores que perceberam em soluções criativas, razoáveis e exequíveis o adequado aproveitamento do espaço, partindo do envolvimento, trabalho e mobilização do grupo, onde *a existência emerge como princípio educativo*, esse foi o método responsável pela concepção da ocupação do espaço da Favela da Barreira, pela manutenção e crescimento da favela até os dias atuais.

No entanto, para analisar as formações dos núcleos atuais da Barreira, precisamos observar as manifestações e expressões dos sujeitos, as quais também passam pelo crivo da ambivalência, aprovados por uns e refutado por outros; alguns moradores pintam com cal e tintas as paredes da comunidade cobrindo as marcas de pichações feitas em homenagem a moradores já mortos, ou ainda com poesias ou demonstrações emocionais e de ideias, de fatos ocorridos na favela.

Observando o trabalho de um desses moradores, cobrindo os muros pichados, percebemos que esse ato de cobrir as marcas produz o afastamento de si com as marcas do próprio espaço, podendo significar o desejo de esquecimento, do paradoxo da vida e da morte, do bom e do mal, das tensões marcadas nas paredes da Favela.

Nesse esteio, para esses moradores, a história local marca a memória e as vivências, na dinâmica do cotidiano buscam o afastamento alimentando esquecimento através do distanciamento das apropriações e produção da Favela, postura que compreendemos ser também estratégica de sobrevivência ao não lugar.

Os jovens que promovem os encontros na Favela, geralmente se identificam com artistas específicos, e na Barreira são discriminados por alguns moradores que os percebem como *“envolvidos com o movimento”*<sup>6</sup>. Percebem-se as preferências desses jovens com dois grupos musicais, além do funk, raramente pagode, mas principalmente “o Rappa” e “os Racionais”.

No entendimento de alguns jovens, ambos os grupos musicais são considerados preferenciais porque, segundo suas narrativas, retratam o cotidiano das lutas reais nas favelas, da desesperança ao desespero da opressão policial, *“viver na favela já tá na fita da policia, (justifica qualquer ação ruim da polícia), todo morador são bandidos na cabeça deles a música fala de nós desse jeito”*, depreendendo-se que a música retrata fatos do cotidiano do

---

<sup>6</sup> Para alguns moradores, os jovens que promovem encontros e festas na Favela, que escutam e gostam de Racionais e funks são tidos como envolvidos com o tráfico local, o que nos pareceu uma visão preconceituosa.

jovem na Favela, mediando aquilo que desejaria dizer, o que produz os laços da identidade entre o cotidiano e a música.

A existência provoca experiências que conduzem à produção do conhecimento, que será de impacto variável de acordo com a leitura de mundo de cada indivíduo, cumprindo assim a senda epistemológica proposta por Heráclito de Éfeso, as transformações constantes promovem e permeiam o devir, a existência.

A presença de resistência é risível, presente em todos os espaços da Favela, desde a constituição do espaço às formas de uso do mesmo, mantendo polarizações e distorções: internas quando se tratam do uso e apropriação dos espaços da Favela por determinado segmento de moradores que são resistidos por outros, e externa, quando se tratam da apropriação dos espaços da cidade pela Favela.

A observação do grupo nos leva à compreensão de que a resistência não é apenas do grupo para o Poder Público, mas se dá, a priori, internamente, isto é, do grupo contra determinado segmento de outros grupos, por exemplo, os mais idosos com os mais jovens e vice versa, os quais têm concepções diferenciadas acerca do mesmo espaço, o que produz níveis de leniência diferenciados na apropriação e percepção da Favela.

Essas distorções provocam nuances na produção do conhecimento local, que infere na interação e mobilização social, bem como na compreensão da identidade do grupo e dos sentidos do espaço da Favela, fator que colabora para a construção de micro identidades e sua fragmentação o que infere na apropriação do espaço.

### **O Legado da Favela: uma trajetória de resistência física e moral**

A situação das favelas no Estado do Rio de Janeiro guarda contornos histórica e materialmente traçados. O reconhecimento da identidade social da favela requer novas interpretações das compreensões alcançadas pelos indivíduos de seus costumes e cultura, os quais permeiam a construção do pensamento (GEERTZ, 2015).

Assim, partindo da concepção das problemáticas oriundas do processo de formação das favelas no Estado do Rio de Janeiro, a noção de “resistência” foi forjada como consequência do planejamento urbano ou político, seja pelas remoções forçadas, ou ainda pelas Políticas Públicas as quais jamais levaram em consideração a realidade da Favela ou de seus habitantes.

Dessa forma, compreendemos que algumas ações empreendidas pelo grupo estudado, no que tange a resistência em permanecer com a ocupação dita “irregular” pelo Poder Público,

consolidaram uma fonte de legitimação da auto tutela de direitos até então negligenciados ao “homem da favela”, mais precisamente na defesa do direito fundamental da vida, visto que a sobrevivência é mobilizada pela auto preservação da vida, que encontra no direito constitucional da habitação um de seus sustentáculos.

Portanto, se compreendermos que a ocupação de áreas públicas sem destinação como o caso da favela estudada, não consiste apenas em resistência contra ação omissiva do ente público em promover uma agenda social voltada aos interesses dos menos abastados, mas que consolida um estado de direito garantido pelo texto Constitucional (1988), atribuindo assim função social as terras públicas, qual seja, do assentamento de famílias de baixa renda, é a auto tutela do dever público, a auto executoriedade pacífica, na realização do direito de habitação, da vida.

Portanto, as estratégias de ocupação do grupo observado demonstram a legitimação ante a resistência moral de serem “ilegítimos” titulares do espaço, a instrumentalização da busca de direitos, fundado no direito de resistência, possibilidade legitimada pelo próprio texto constitucional, encontrando sua gênese no Segundo Tratado sobre governo, nascendo curiosamente ao lado da Teoria da propriedade (GRANT, 1987).

A análise proposta nos conduz a uma nova reflexão: a legitimação para ocupação do espaço responde parcialmente a questão da resistência moral até porque a ocupação não resolveu a condição humana precária. No entanto, a resistência, investida como um direito constitucional assegurado poderia instrumentalizar a realização de direitos e garantias fundamentais aos grupos “vulneráveis”?

Certamente estaríamos diante de um instrumento legítimo, no cerne das antinomias que habitam o próprio tecido constitucional, onde a possibilidade de realização de direitos reside na impossibilidade instrumental de sua militância, um paradoxo tão proporcional quanto àquele que constitui a Favela observada (BUZANELLO, 2005).

A observação das articulações, estratégias adotadas no cotidiano dos espaços da Favela, pode nos dar indícios de criação de instrumentos legítimos, construídos pelo grupo para busca e realização de direitos negligenciados.

Esse signo articulatório, até então negligenciado, pode possibilitar propostas significantes aos dilemas de inclusão e emancipação social, e de reconhecimento identitário do espaço, isto porque o elemento nodal da produção do conhecimento não é dado naturalmente precisa ser construído a partir do reconhecimento e valorização das experiências individuais, das ações que dela resultam, e do indivíduo, esse “empirismo subjetivo da pessoa” é o que realmente induz a revolução do conhecimento (DEWEY, 1976).

Assim é que, o reconhecimento do sujeito e de sua subjetividade implica na consideração da diversidade cultural, da identidade e da potencialidade do indivíduo, além de se prestar como instrumento de incentivo a auto-educação, o que pode promover não só processo de conhecimento e aprendizagem, mas a construção de novos modos de produção humana que tenha o espaço como mote realizador de direitos e da realidade.

A observação das determinantes sociais vem se destacando como eixo central para o reconhecimento dos elementos que norteiam a formação humanística do sujeito, como a família, ambiência social, religião, influências artísticas, culturais, suas inter-relações com o espaço, assim, compreendemos que o cotidiano é educador, a existência um princípio educativo, e a Favela um mediador desse aprendizado, para além dos bancos escolares, nessa perspectiva a favela se torna a escola, a cidade educadora (GADOTTI, 2004,a) .

A experiência cotidiana tem o condão de formar e transformar, consolidando fonte para a construção da educação humana e sua participação no cenário social. Portanto, mais que um direito, a educação é elemento que compõe a própria existência e fundamenta as relações sociais, aportando o conjunto pragmático como eixo apriorístico (SAVIANI, 2000).

A experiência dos indivíduos na Favela da Barreira, proveniente do contato direto com o próprio grupo, tem se demonstrado elemento de relevância para se conduzir o processo de conhecimento (negativa ou positivamente), fomentando ou suprimindo o interesse pelo aprendizado, o que proporcionalmente (reduz ou aumenta) a potência de criação dos sujeitos, o que dialoga com a possibilidade de educação informal, mediado pelo espaço.

Nesse sentido, as experiências cotidianas incitam possibilidades que podem se voltar em prol da própria favela, a qual tem o condão de aumentar a potência de agir, transformando o sujeito ante ao objeto do encontro, emergindo daí o valor das experiências e sua relação com a favela (DELEUZE, 2002).

## **6. Considerações Finais**

Concluímos que os maiores problemas enfrentados pelos moradores estão na produção de si, na compreensão de sua própria existência, uma vez que as experiências emergem a práxis de um viver que encontra estratégias viáveis para sobrevivência nas possibilidades que lhes são apresentadas.

No entanto, as estratégias eleitas por vezes delimitam as possibilidades de solução às próprias estratégias, o que faz com que o indivíduo apenas se produza no espaço da Favela,

sendo essa a única viabilidade do sujeito ser produzido por suas experiências que também são herméticas em si.

A relação estabelecida onde a produção dos sujeitos se conecta às experiências vivenciadas no núcleo da própria Favela, desconsidera alternativas oferecidas por caminhos que levam em conta um roteiro institucional, o que afasta o elenco da educação formal, da atuação das escolas, cursos e ações institucionais, tornando a Favela o mote institucional de produção do conhecimento, na perspectiva da educação informal, o que pode justificar-se pela compreensão de *“falta de utilidade dos ensinamentos institucionais para a vida cotidiana”*.

Essa ideia se revela na narrativa de um dos moradores, que guarda em sua história o sonho de ser músico, sem nunca ter frequentado escolas ou curso de música, aprendendo a tocar violão sozinho, desempenhando seu trabalho nas ruas da Favela, em aniversários, festas e em alguns eventos noturnos dos arredores do bairro, *“a música me inspira e aprendo sozinho, nunca fui pra escola, nem quero. Isso vai me atrapalhar(...) eu aprendo tudo sozinho aqui mesmo, a favela me ajuda me ensina e me inspira, as brigas, as festas, as tristeza, tudo me ajuda é só eu e minha viola”*, mantendo a convicção de que um dia será um grande artista.

Assim, entendemos que a Favela alberga uma consolidação de micro redes de resistências interna, tecidas no próprio cotidiano, que (re) produz os sujeitos, permeada pela célula *matter* que mobiliza a estruturação de estratégias de sobrevivência, consolidando uma espécie de resistência às ações Estatais que produz a Favela como espaço estigmatizado, a medida que não leva em conta as exigências e necessidades do cotidiano desses sujeitos “vulneráveis”, para delinear Políticas Públicas e programas, que cada vez mais se distanciam da realidade vivida nesses espaços, o que a inibe a adesão de favelas em escolas e programas institucionais governamentais.

A formulação de soluções levadas a cabo no cotidiano para solução de impasses, tem se mostrado ao longo dos anos uma alternativa viável, estratégia de sobrevivência que ocupa lugar considerado nos espaços da favela, onde a experiência se mostra como aprendizado útil, garantindo a vida do grupo na favela e na sociedade, fundamentando a noção pragmática da própria *existência como princípio educativo*.

A compreensão da valorização dos elementos que mobilizam a produção desse conhecimento, estabelecidos como valores fixos e cambiáveis para os moradores, que deverá, por oportuno, ser objeto de um trabalho mais acurado voltado ao entendimento da construção do tecido que forma as redes da produção de conhecimento na Favela, certamente estabelecidos como produto das negociações, estratégias e resistência, tornando a Favela um

espaço complexo, fonte de observação para compreensão da epistemologia das vivências, que possa apreender a existência como princípio educativo.

Certamente não pretendemos exaurir o tema, mas contribuir para reflexões e debates, necessários ao conhecimento da identidade da Favela estabelecida pela diversidade local, possibilitando assim, através da valorização das narrativas, a produção de saberes delineados pelas trajetórias de resistências e (trans)formações na favela, sendo esse um trabalho de todos nós.

## **Referências**

AUGÉ, M. Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUMAN, Z. Vidas desperdiçadas. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUZANELLO, J. C. Direito de Resistência Constitucional. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Iuris, 2005.

CETEAU, M. de. A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 85

DELEUZE, G.. Espinosa. Filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DEWEY, J., Experiência e educação; Tradução de Anísio Teixeira. 2ª ed São Paulo: Ed. Nacional , 1976. v.131.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Lisboa: Portugalia, 1967.

\_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

GADOTTI, M.; PADILHA, Paulo Roberto e Alícia Cabezudo (orgs). Cidade Educadora: princípios e propostas. São Paulo: Cortez Editora/IPF, 2004(a).

\_\_\_\_\_. A Escola na Cidade que Educa. Sobre o conceito e a experiência das “Cidades educadoras”. Moacir GADOTTI; Paulo Roberto Padilha e Alicia Cabezudo: Princípios e Experiências. São Paulo: Editora Cortez/IPF, 2004(b)

GEERTZ, C.. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução Vera Joscelyne Rio de Janeiro: Vozes, 2015

GRANT, R. W. John Locke's liberalism. Chicago: University of Chicago Press, 1987, p. 202

LOCKE, J., Ensaio acerca do entendimento humano. Tradução de Anuar Alex. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MATURANA, H. A ontologia da realidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 216.

MEIHY, J.C.S.B., RIBEIRO, S.L.S. Guia Prático de História Oral. São Paulo: Contexto, 2011.

RIO, J. do. A alma Encantadora das ruas. Crônicas. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 26

RODRIGUES, J.C. Higiene e ilusão: o lixo como instrumento social. Rio de Janeiro: ed. NAU, 1995.

SANTOS, M. A natureza do espaço. 4ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2012.

SAVIANI, D., Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33.ª ed. revisada. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.